

# Fragmentos do Minhocão: A experiência imagética através da colagem

*Fragments of Minhocão: the imagery experience by collage*

Anahi G. L. Betoni, Ralf J. C. Flôres

Centro Universitário Senac Santo Amaro

Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo

{Anahi,Ralf} anahibertoni@gmail.com, ralfjcflores@sp.senac.br

**Resumo.** Trataremos de uma discussão referente ao futuro do Elevado Costa e Silva, através de experimentações projetuais, utilizando a técnica da colagem, dessa forma é possível revelar novas qualidades desse espaço. Para a realização dessas imagens foi fundamental o levantamento de informações referente ao espaço. Dispondo a percepção dos usuários em mapas, foi possível localizarmos diversos pontos de referência e identificarmos a legibilidade do espaço em seus eventos cotidianos. Tais levantamentos do cotidiano foram feitos através de notícias de jornais, redes sociais, fotografias e filmes, finalizando com a proposta de um guia criado por seus próprios usuários. Nota-se uma discussão que nos leva a duas possibilidades, a transformação em parque ou o seu desmonte.

**Palavras-chave:** Elevado Costa e Silva, Centro de São Paulo, espaço público, imagem, percepção espacial, Colagem.

**Abstract.** *This article discuss the future of the Elevado Costa e Silva through projective experiments, using the collage technique, so it is possible to reveal new qualities of this space. To produce this images it was essential to gather information at the area. Translating the perception of users on maps, it was possible to locate several points of reference and identify the legibility of space in their everyday events. Such daily surveys were done through newspapers, social networks, photographs and movies, ending with the proposal of a guide created by its users. It is notable a discussion that leads to two possibilities, the transformation in the park or its dismantling.*

**Key words:** *Elevado Costa e Silva, center of São Paulo, public space, image, spatial awareness, collage.*

**Iniciação - Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística**  
**Edição Temática em Comunicação, Arquitetura e Design**

Vol. 6 nº 2 – novembro de 2016, São Paulo: Centro Universitário Senac  
ISSN 2179-474X

Portal da revista: <http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistainiciacao/>

E-mail: [revistaic@sp.senac.br](mailto:revistaic@sp.senac.br)

Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-Não Comercial-SemDerivações 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/) 

## 1. Introdução

Iniciamos este artigo mencionando a origem de seu tema. O Centro de São Paulo ainda é um assunto muito discutido atualmente devido à busca de sua identidade após tantas mudanças. Essa busca influencia a criação da Iniciação Científica "Representações da Avenida São João: quatro ritmos, uma avenida", sendo seu objetivo o de apresentar a Cidade de São Paulo usando a Avenida São João como sua representante e reconhecendo suas imagens em músicas por se tratar de uma grande forma de expressão cultural, possibilitando um estudo da região central de São Paulo.

A Iniciação Científica identificou imagens da Avenida São João expressas por artistas em suas composições, revelando momentos vividos antes da construção do Elevado Costa e Silva e após sua construção. Esses relatos indicam sua importância com o fato de que após 40 anos de sua construção continuamos discutindo e aprendendo com essa via elevada.

As músicas mais atuais retratam esse declínio do Centro e obtemos a imagem de uma avenida desconhecida, assim como em suas representações com compositores conhecidos que usam a avenida como cenário para suas composições. Na conclusão do trabalho descobrimos a identidade da avenida através de seus usuários. Portanto foi possível recuperá-la rebatendo a história da avenida, dos compositores e com o comportamento dos indivíduos da cidade grande descritas por Berman:

Para atravessar o caos, precisa estar em sintonia, precisa adaptar-se aos movimentos do caos, precisa aprender não apenas a pôr-se a salvo dele, mas a estar sempre um passo adiante. Precisa desenvolver sua habilidade em matéria de sobressaltos e movimentos bruscos, em viradas e guinadas súbitas, abruptas e irregulares – e não apenas com pernas e o corpo, mas também com mente e a sensibilidade. (BERMAN, 1986, pp.182)

O trabalho "Fragmentos do Minhocão: a experiência imagética através da colagem" baseou-se nas conclusões da Iniciação citada. A população que utiliza o Minhocão tem uma dupla relação com o Elevado de "ame-o ou odeio-o" expresso em audiências públicas feitas para a decisão do futuro do Minhocão entre moradores que apoiam o seu desmonte imediato, apresentando todos os transtornos causados pela via e a Associação Parque do Minhocão que defende a criação de um parque para que seja mantida a vida no Minhocão, por ser esse possível símbolo da priorização do pedestre e do ciclista ao ser interditado para carros aos domingos e aos sábados (discussão na Câmara Municipal).

Quando mencionamos a região central de São Paulo é abordada a discussão sobre sua requalificação ou revitalização, ignorando a identidade atual da região, assim como ocorre no caso do Elevado Costa e Silva. A solução em discussão é a gentrificação ou não. Por um lado ela colabora para a modificação de seu entorno melhorando o espaço forçosamente para que a elite a ocupe com seus carros, isso de acordo com o atual projeto proposto. Se no centro o perfil for outro é possível que seja promovida a mudança da atual identidade dessa região.

O Centro sofre por processos de degradação com a chegada do metrô que atinge sua superfície obrigando a região a assumir uma função metropolitana, temos também a criação de sub-centros fragmentando o poder do centro no início do século XX, povoando novos bairros como Higienópolis, os Jardins e mais tarde a Paulista que respondiam aos anseios da burguesia. Em 1960 tivemos o "Plano de Metas" de Juscelino Kubitschek que promove a alta demanda de carros, ônibus e caminhões em ruas centrais que foram planejadas para "o caminhar" do pedestre, não suportando sua nova demanda.

(...) A deterioração do Velho Centro não se processou pela falta de uma política urbana, e sim graças a sua atuação perversa, através de leis de uso e ocupação do solo mal concebido por um código de obras inadequado; por planos diretores descompromissados com o social (...) Como tudo privilegiando o lucro as empresas coadjuvadas pelos governos... Prédios antigos não acompanhavam a inserção da cidade no capitalismo internacional, favorecida pelo Regime Militar de 1964. (YÁZIGI, 2006, p. 54)

Essa série de acontecimentos sempre nos conduz para o Minhocão como principal causador do declínio do Centro, pois depois dessa série de erros referente a diversas tentativas de requalificação do Centro, o Elevado é o representante e um dos causadores dos problemas ocorridos posteriormente a sua construção.

O Elevado originou-se dos planos do prefeito Faria Lima em sua gestão (1959-1969), que idealizou a obra de engenharia na região central, mas técnicos e a própria população não aprovaram e assim o conhecido Minhocão não foi construído nesse período. Em 1969, quando Paulo Maluf é eleito a prefeito, recupera o projeto e o implanta em 11 meses sem nenhuma consulta popular na região. Abrange a Praça Roosevelt, passa pelo largo Péricles (Perdizes), a Avenida General Olimpo da Silveira, trechos da Avenida São João e a Rua Amaral Gurgel. Com a extensão de 3,4 km, liga a zona central à zona Oeste.

O Minhocão ligou o Centro assim como planejado pelos engenheiros Ulhôa Cintra e Prestes Maia, porém é a partir dele que há várias iniciativas quanto ao "rodoviário perverso", pois nunca teve eficiência para a melhoria do transporte individual. É questionável que ele tenha poucos acessos pelo fato de que a via elevada poderia ter sido implantada em outro local, visto que é meramente uma ligação Leste-Oeste.

A proximidade com as fachadas dos apartamentos prejudica a saúde de seus moradores, trazendo um maior contato com o ruído e a poluição causada pelos automóveis. Em reuniões públicas alguns dos moradores declaram que preferem os carros a pessoas em suas janelas durante os finais de semanas, porém encontramos também moradores que apoiam a decisão da implantação do parque alegando a preferência pela área de lazer a transição de automóveis.

Encontramos soluções que aparentemente não tiveram estudos aprofundados da complexa situação do Elevado, notamos na abordagem dos moradores (os que compareceram nas audiências e maioria) que exigem seu desmonte, possibilitando a perda do símbolo da priorização do pedestre e na abordagem da criação de um parque que não soluciona todos os problemas da região. Por esses fatores esse trabalho buscou os fragmentos do Minhocão, criando a imagem dessas faces através de seus usuários, atividades e percepções proporcionadas por seu cotidiano. O produto final é um guia com propostas feitas através do repertório da autora do presente trabalho e de usuários do Minhocão usando como base fotografias do Elevado.

## **2. Definições de percepção, memória e imagem**

### **Percepção**

O Elevado Costa e Silva tem frequentadores que sentem atração ou repulsão por ele. É evidente que esses usuários aos domingos são atraídos pelo lazer e os frequentadores da semana são atraídos pela fuga do trânsito para chegarem ao seu trabalho. Quem o utiliza durante a semana não percebe outra finalidade a não ser o de passagem, pois não tem o sentimento de pertencimento, não tem tempo de observar o que acontece ao redor por estar dirigindo ou saindo rapidamente do metrô, ao mesmo tempo encontramos usuários que já moraram próximo dessa região e assumem essa qualidade de lazer, chegando até a frequentá-lo aos finais de semana.

Iniciação - Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística - Vol. 6 nº 2 - novembro de 2016

**Edição Temática em Comunicação, Arquitetura e Design**

O espaço pode ser analisado de forma totalizante e homogênea, no sentido de entendermos o assunto de forma superficial ao analisarmos o todo pode-se transformar em algo abstrato e por isso tem uma necessidade de um estudo fragmentado, assim como é proposto por este trabalho que fragmenta a imagem do Minhocão. Essa homogeneização é uma forma confortável de absorver a informação sem muito trabalho, pois podem ser obtidos dados apenas de forma literária, sem necessariamente ter a visita do espaço, podendo formar falsas ideias quanto a real informação do espaço. (FERRARA, 1999)

Essa fragmentação é mencionada por Milton Santos como cisalhamento da totalidade, mas sua principal preocupação é o constante movimento, sendo importante o conhecimento por divisão relacionado com a atualidade devido as constantes mudanças. A atualização é possível com a ajuda da tecnologia na transmissão de informações simultaneamente, essa atualidade é a de uma cidade moderna, da velocidade, a necessidade de grandes deslocamentos, indivíduos perturbados por esse espaço e o corpo é a certeza material sensível a esse mundo difícil de ser aprendido devido a essa fluidez. (SANTOS, 2002)

Para compreendermos a percepção de espaço é crucial que entendamos o porquê do espaço estar relacionado à percepção. O espaço e o tempo são dois elementos fundamentais para a experiência e assim a percepção. Alguns filósofos como Platão acreditam que o espaço se refere a coisas criadas, preenchidas pelas formas. Relacionado ao Elevado, ele é o espaço preenchido por carros na parte de cima e com fluxo de pedestres a caminho do trabalho no baixo durante a semana e aos sábados e aos domingos por pessoas em busca de lazer, assume a característica de ser fixo e possibilita o espaço para o movimento.

O Elevado sendo considerado um espaço, não é composto por uma forma unificada, ele é fragmentado incorporando a ideia de Aristóteles, o lugar é um limite que organiza o espaço, logo encontramos o "lugar cima", "lugar baixo", "lugar lateral" e outros. O lugar hierarquiza os objetos no espaço de acordo com sua posição. Cada posição proporciona um conhecimento desse espaço e pode ser atribuído um significado, portando o Elevado terá um significado de acordo com a experiência de quem o enxerga e em que posição se encontra. Essa experiência é adquirida através da sensibilidade para perceber os fenômenos do espaço. (FERRARA, 2008)

Essas experiências são adquiridas através do cotidiano. Lucrécia (2008) faz a ligação da vida cotidiana e a imagem a partir do momento em que observamos os usos e os hábitos, como manifestação do lugar urbano e menciona que o lugar é a manifestação concreta do espaço, porque esses usos e hábitos constroem a imagem do lugar, porém a rotina do cotidiano e a velocidade da cidade moderna impede sua percepção, tornando o lugar ilegível.

O não lugar é sem definição, homogêneo assim como ocorre com o Elevado que sofre com essa velocidade durante a semana, onde seus usuários não notam outras características a não ser a sujeira, a degradação das fachadas, o ruído, o trânsito e outras características, porém essa homogeneidade pode ser superada a partir do momento que o submetemos a uma operação que revela sua linguagem, é a percepção ambiental. Essa operação pode estar mais próxima dos usuários do Minhocão que praticam caminhadas aos domingos (Figura 1), assumindo uma característica exploradora do espaço, podemos observar as sinalizações do trânsito de bicicletas cartazes nos postes que representam a insatisfação com os políticos, a proliferação de vegetação em sua estrutura e frases pichadas relacionadas ao Elevado. Os edifícios que compõe o entorno imediato, trazendo pontos de referência, permitem uma fácil localização.

**Figura 1: Sinalização de bicicleta no Minhocão**



**Fonte: Foto da autora**

Para organizarmos as variáveis que interferem em um contexto e aprendermos a articula-las com os usos e hábitos são necessários alguns procedimentos como: ir ao espaço para comprovar e desfazer a ideia do espaço abstrato pela homogeneidade, como a ideia de que toda a extensão do Elevado é igual, podemos encontrar isso em qualquer dado descritivo e ir com uma atenção perceptiva para construirmos a imagem e características do lugar, fragmentar os espaços em lugares, tem alguns riscos quando assume uma concepção total, pois analisamos de forma abstrata, mas evitamos essa visão com as comprovações reais, por tanto é necessário usar a abstração (informações literárias) e também usar parâmetros reais.

### **Memória**

Um fator fundamental para entendermos um espaço é recuperar suas alterações no tempo, pois conseguimos perceber como o homem o alterou de acordo com seu conhecimento (adquirido por seu cotidiano) pode alterar o espaço, construir como ocupante dele. Em relação ao Elevado, seu tempo inicial está no momento de sua construção, anos 70, em meio à ditadura, a imposição, a priorização dos carros com a via elevada, simbolizando a passagem dos carros em uma posição superior ao pedestre, porém, quando foi provado de diversas formas que essa priorização pode causar a insalubridade, foi feita a proposta de seu fechamento aos domingos. Essa ação trouxe uma consequência nunca imaginada, como a que vivemos atualmente, a lei para a desativação do Elevado e a discussão de seu futuro, sendo um momento crucial para a história da cidade.

As relações propiciadas pelo cotidiano podem construir o interesse coletivo e é isso que compõe o território. Ele está relacionado à forma de interação com o espaço (Figura 2), o indivíduo apropria-se do espaço por interesses em comum. Temos como território grupos que partilham dos mesmos objetivos, assim como encontramos defensores da permanência do Elevado e também de seu desmonte, que expõem seus momentos em lugares no Elevado que compõe o repertório de sua memória.

**Figura 2: Vendedor de arte na sacada de um edifício residencial, mudando o uso residencial para comercial.**



**Fonte: Foto da autora**

Com base no repertório de cada indivíduo é possível encontrarmos alguns padrões, esses padrões que podem explicar a formação do território. A comunicação e a informação passam a ter um importante papel a partir do momento que influenciam na vida social no cotidiano de cada pessoa, enriquecendo seu repertório. Elas ganham a dimensão espacial, tornam-se o que Milton Santos chama de "quinta dimensão do espaço banal". Ao estudar ambos é possível o entendimento da transformação espacial desse movimento social de forma material, pois hoje não fazemos nada sem os objetos que nos cercam como exemplos têm os grupos criados no Facebook referente ao Elevado marcando encontros para discussões sobre o futuro do mesmo, de forma participativa.

São Paulo nunca soube envelhecer, chegou a descartar muito de sua história, assim como, em alguns momentos as pessoas sentem saudade do passado da cidade, evidenciando uma memória relacionada ao espaço. A cidade de Nova York descrita por Certeau (2012) possibilita comparações com a cidade de São Paulo. Este autor menciona o fato da cidade estar sempre se reinventando, joga fora o que adquiriu e se desafia a todo o momento. Descreve a embriaguez de estar no topo do *Word Trade Center* por não estar no domínio da cidade, jogado a rua e preso ao movimento. Em meio às diferenças e o nervosismo do tráfego nova-iorquino, ele toma a identidade de um espectador, pensando que terá que descer depois. Essa sensação pode ser comparada a sensação de estar em cima do Elevado e perceber a cidade desse ângulo, a visão dos prédios sobre a via é explicada apenas quando a visitamos, observamos os edifícios Banespa, Copan, Itália, da Santa Casa, da Praça Marechal e do Largo Santa Cecília e outros locais descritos nos próximos capítulos. São pontos de vista que são possíveis de serem percebidos apenas a noite ou aos domingos, mas sabe-se que após esse horário os carros retornarão e esse é um dos motivos da luta para sua desativação e transformação em parque.

Quando descemos do Elevado voltamos às práticas ordinárias, onde o corpo perde sua legibilidade, pois está envolvido com componentes da cidade, enxergamos as vigas do Elevado e sua sombra, mesmo assim encontramos traços de legibilidade ao nos localizarmos facilmente onde estamos devido ao entorno dele, identificamos assim potenciais no mesmo. Serão indicados pontos de referência que contribuem na localização durante o passeio pelo Elevado que é formado por fragmentos de histórias e alterações de espaços.

## Imagem

Trataremos da imagem, que finaliza a sequência proposta por esse trabalho que é: percepção do espaço, memória e a criação da imagem. Já foi mencionado que para que haja a percepção do espaço o cotidiano é uma grande ferramenta, ele obriga a passagem dos indivíduos por espaços e lugares diariamente onde essas experiências causam sensações e são retidas na memória que se transformam em repertório para ações futuras, daremos ênfase à criação da imagem.

É natural a criação da imagem pelas pessoas e esse é um assunto tão inquietante que temos a necessidade de formularmos para entendermos como se cria, porém descobrimos que para isso não é possível encontrarmos regras de construção de imagem, visto que temos muitas variáveis em nossos ambientes como o nível de sentido de cada pessoa a cada momento, as informações do ambiente em determinados períodos e fatores culturais.

O cotidiano tem sua importância, contribui para a criação da imagem, pois é o cotidiano que dá lugar para a comunicação e essa comunicação influencia no repertório de cada indivíduo. A comunicação tem importância a partir do momento que contribui para a interação entre o homem. Segundo Baldisserra (2008), citando Foucault, toda relação é de disputa de forças é a disputa por significação, essa força também determina os sentidos do sujeito.

Talvez esse seja um motivo fundamental para a necessidade de o ser humano comunicar, para experimentar, dentre outras coisas, o prazer de sentir-se transformador ou transformado, de perceber o gozo de dominar e do ser dominado, a sensação de, pelo encontro, ser igual e diferente – o “mesmo” e o “outro”. (BALDISSERA, pp.195; 2008)

Essa relação pode ser encontrada nas discussões sobre o Elevado, o qual cada um tem o seu cotidiano e sua relação com o mesmo. Em reuniões públicas encontramos pessoas exaltadas por ter que conviver com o Elevado e pessoas que convivem de forma equilibrada. Segundo Athos Comolatti (2015), foram recolhidas sete mil assinaturas de pessoas no Minhocão para a sua transformação em área de lazer. Mas mesmo assim encontramos descontentamentos dos moradores da região.

O *High Line* tem uma influência que orienta a Associação Parque do Minhocão, não só a associação faz essa comparação como muitos que moram na cidade de São Paulo. O *High Line* tem influência em outros lugares, como em sites de turismo que é possível encontrá-lo como um importante ponto turístico a ser visitado quando viajarmos para *Nova York* e essa imagem pode ser aproximada com a do Minhocão, visto que também é um ponto turístico. Em uma resposta do questionário desse trabalho, a entrevistada disse ter um amigo que trabalha como guia turístico para acompanhar estrangeiros em passeios de bicicleta pelo Centro de São Paulo e relata que os turistas ficam impressionados com o Minhocão, por parecer um cenário de filme, o que de fato foi.

As pessoas constroem a significação do Elevado através dos sentidos em determinados contextos, transforma-se com as variáveis do ambiente. Um exemplo é a experiência das Caminhadas Noturnas pelo Centro promovida pela Associação Viva o Centro que proporciona uma nova experiência como andar no Centro a noite, que diverge de nosso cotidiano, uma atitude associada ao perigo, mas a premissa desse projeto é a de enfrentarmos o medo que sentimos de nossa cidade e não excluí-la do nosso cotidiano devido a esse receio, sendo necessário não só a perda do medo, mas

também um projeto que qualifique a região. Essas novas experiências podem influenciar na construção dos sentidos, colocando significados por meio dos sentidos. Também proporcionam diversas formas de imagens, assim como físico-visível, imagem linguagem, e imagem conceito.

A imagem físico-visível é a imagem que o mundo tem, ou seja, é o que enxergamos do Minhocão de forma física sua estrutura, sujeita, infiltrações, a sombra, as pessoas que o utiliza, as lojas, qualquer imagem-físico é a relação entre a luz e o aparelho ótico. É um mundo organizado em meio ao caos pelo olhar, a identidade é formada a partir de imagens significativas do mundo. Desde seu nascimento a primeira percepção do homem é através da imagem, adquirindo um repertório para criar a imagem de seu mundo e de sua identidade.

A imagem-linguagem recebe significados codificáveis são as fotografias do Elevado que transmitem sensações, filmes, desenhos e são as representações das imagens que carregam características de seus autores, ajuda o leitor em sua leitura e interpretação.

Na imagem-conceito ela pode se apresentar como uma imagem-física ou imagem-linguagem, mas além disso, pode ser o juízo de valor assim como a imagem do Elevado como causador da degradação do Centro. É o símbolo da Ditadura, da priorização do carro, é a imagem em sentido figurado, sem ter a necessidade de uma simulação visual para interpretá-la. A imagem conceito pode vir do julgamento de pessoas como comportamentos e ideias. Ela julga a reputação, fama e outros e devido a isso, essa imagem percebe o que parece ser e não necessariamente é, ela se constrói no lugar e recebe a qualidade de significação, por isso pode se materializar.

A imagem da cidade se apoia em uma questão de subjetividade, pois depende da forma que o usuário se relaciona com o espaço e essa imagem baseia-se no que ele já vivenciou, desse e de outros espaços. Ferrara (1999) discute que a imagem mental que um habitante tem de sua cidade baseia-se na qualidade visual, se ele é reconhecível, como se orienta, se há um sistema de ordem quando observada. Os usuários tendem a ter uma memória seletiva, pois criam a imagem fracionada do espaço e também mapas mentais para sua orientação. Essa questão de orientação de imagem será aplicada neste trabalho, localizando as imagens encontradas do Elevado e posicionando em mapas. Lynch (1980) menciona sobre mapas mentais e pede para que os passantes desenhem referências imagéticas, sendo determinantes para a organização desses espaços.

Essa impressão da cidade então depende de como é feita a caminhada do construtor da imagem. Por exemplo, quem anda de carro no Elevado, tem a visão mais baixa e enquadrada pela janela do carro passa rapidamente já quem caminha tem a altura do olhar, passa de vagar, presta atenção em detalhes e também temos aqueles que andam de ônibus que se quer escolhem o caminho. Essa arte de transformar a cidade em cenário é chamada de flâneur descrito por Baudelaire em sua poesia e seu personagem que caminhava por Paris na tentativa de entender aquela cidade moderna que com a sua industrialização toma uma nova configuração.

Para Bassani (2003, p.43), o flâneur "converte o ambiente urbano em paisagem e cenário, em território de expedição e abrigo domiciliar", demonstrando total intimidade com seus elementos, e permitindo que a cidade assuma dimensões e significados indicados por seu estado de espírito: a cidade assume significado à medida que seu perambular a impõe. (SOUZA; ANGELO,2008,p.8)

Na mesma linha de Lynch, os dadaístas registram suas caminhadas estéticas, eles praticavam atos simbólicos em ações cotidianas. Encontramos artistas com essa intenção no Elevado durante a semana e aos domingos, não só observam mas atuam



no ambiente e na dessacralização da arte. Os surrealistas tinham conhecimento de Psicanálise com base nisso, criavam mapas referenciais e usavam escalas das cores preta e branca para identificar as sensações, sendo branca representação agradável e preta desagradável com a intenção de mostrar as variações dentro das cidades. Esses mapas são fonte de inspiração para a criação dos mapas de percepções do Elevado deste trabalho. Nos anos 60 surgem os situacionistas que praticam as derivas que propunha apropriar-se do espaço urbano, através da caminhada sem rumo e mapear os diversos comportamentos.

As obras de lugares parecidos feitas por diferentes pintores, nunca ficaram iguais, isso devido à subjetividade de cada pintor. Isso também acontece com os fotógrafos e cineastas, mesmo capturando a realidade concreta é passível a vontade do artista, baseado na escolha do assunto, tratamento estético, transparecendo seu estado de espírito e ideologia nas imagens.

### 3. Estudos de Caso

Encontramos o Elevado em diversas formas de trabalhos, como fotografia, documentário, filme e projeto de intervenção urbana que apresentam diversos Elevados. Esses trabalhos foram escolhidos para mostrar produções que apresentem a imagem do Elevado referente à visão dos artistas. Dessa forma compreendemos a expressividade do Elevado quando os trabalhos buscam mostrar a cidade de São Paulo através do mesmo. Os trabalhos dos fotográficos Cristiano Mascaro e Tuca Vieira, o documentário 3.5 e de produções cinematográficas que se apropriam da imagem do Elevado. Em filmes, geralmente, são apresentadas as mesmas localidades no Elevado. Temos a apresentação de dois projetos que recuperam áreas degradadas pelas implantações de viadutos, onde no *High Line* propõe a criação de um parque e no *Cheonggyecheon* a proposta de sua derrubada e a recuperação do canal do mesmo nome.

Nos trabalhos de Cristiano Mascaro encontramos a crítica e o destaque das qualidades do Minhocão critica quanto a sua sombra e ressalta a qualidade quando apresenta uma foto no sépia, trazendo a sensação de saudade no final da tarde. Com Tuca Vieira encontramos o Elevado com o mesmo ângulo do trabalho de Cristiano, mas temos uma aproximação que evidencia a sua invasão as fachadas com uma das mais belas vistas, a voltada para o Edifício Itália.

Nos filmes encontramos o Elevado representando diversas imagens, como a imagem-conceito, pois encontramos a astróloga do filme "Signo da cidade" que vive em uma cidade em caos, com habitantes problemáticos, ela aprende que não pode resolver tudo e absorver todos os problemas dessa cidade, pois ela para por ser continua. No filme "Não por acaso" encontramos o indivíduo da cidade que não sabe viver nela após acontecimentos trágicos, precisa se abrir para enxergar as coisas de uma nova forma e o Elevado é a representação desse novo conceito. No filme "Ensaio sobre a cegueira" novamente encontramos os indivíduos em meio ao caos e os seus cenários revelam não-lugares, fazendo parte dele o Minhocão que é a passagem de um lugar em ruínas para uma outra cidade com os personagens do filme, trazendo uma nova visão das pessoas. Em "Terra estrangeira" temos o personagem Paco que mora no Elevado e vai para Lisboa, após diversas dificuldades desejava voltar para São Paulo, nem que tenha que voltar a morar na frente do Elevado.

Nos projetos encontramos *High Line* que é comparado ao Minhocão e que trás algumas imagens-conceitos como é mostrado em seu guia, que pode ajudar os turistas localizarem-se mesmo não o conhecendo. Ele é um projeto que constrói porem temos outro projeto com uma proposta oposta, o *Cheonggyecheon* que desmonta seu viaduto para melhorar a saúde de seus habitantes.

#### 4. Faces do Minhocão

Por todo o Elevado encontramos diversas atividades, comércio de móveis novos, móveis antigos, peças de geladeiras, sebos. Encontramos postos de gasolina, mecânicas, mercado, pet shopping e pequenas lanchonetes. Nas proximidades temos a Praça da República, dois edifícios da Santa Casa, bancos, alguns botecos e dois metrô. Nessa variedade de usos temos locais com maior e menor número de frequentadores. Próximo ao largo do Arouche encontramos o Terminal Amaral Gurgel sem muitos usuários.

A dinâmica durante a semana na parte inferior do Elevado se dá em torno das estações de manhã até por volta das 10 horas, com a chegada dos trabalhadores. Após esse horário, o lugar tem um menor fluxo de pessoas, porém no período da tarde após as 15:00hs temos o aumento desse fluxo e diversos perfis. Não são os comércios do térreo que atraem essa circulação de pessoas, são as atividades ao redor, como hospitais, faculdades, escolas e outros serviços localizados nas imediações, também pela circulação de transporte público.

Algumas atividades já existiam, porém não tinham espaço como o uso de bicicletas e skates. A prefeitura implantou uma ciclovia no baixio do Minhocão, com o alargamento da ilha central, essa obra iniciou na ponta que cruza com a Rua Consolação, próximo a Praça Roosevelt (local que atrai skatistas), nos períodos das primeiras visitas, a ciclovia estava finalizada a partir da saída do Terminal Amaral Gurgel, fazendo a curva até a Rua General Jardim, sentido Praça da República. Nessa região temos um grande fluxo de pessoas por ser um entroncamento de grandes vias como a Rua Consolação, Avenida Ipiranga e Praça da República.

Aos sábados as lojas de móveis, roupas peças de geladeira e outras estão abertas, assim como durante a semana estão vazias, porém no "pet shop" encontramos um maior número de carros estacionados comparado à semana. Entre a Rua Angélica e Albuquerque os estacionamentos estavam lotados, pessoas com sacolas, pontos cheios foi perceptível, devido ao fato dos pontos estarem localizados temporariamente na calçada durante a obra no baixio do Elevado e um grande fluxo de pessoas. Encontramos famílias caminhando, pessoas passeando com cachorros, sacolas de compras o uso da calçada se assemelha com o uso da parte de cima do Elevado. Em Julho foi aprovado o plano de lei que propõe o fechamento do Elevado aos sábados a partir das 15hs, sendo também uma tentativa da prefeitura de testar o tráfego sem o Elevado, pois segundo estudos da CET, o tráfego de veículos aos sábados e durante a semana se assemelham.

Aos domingos, o baixio é menos movimentado em relação à semana e aos sábados o que contribui para essa sensação é o fato das lojas estarem fechadas (algumas não abrem e outras fecham após as 12:00 horas), pois mesmo não tendo muitos frequentadores, parece que o espaço está sem uso, encontramos apenas a circulação de pessoas que frequentam o Elevado aos finais de semana. Muitas pessoas levam seus cachorros, usam trajes de corrida, levam crianças em carrinhos. Aos domingos acontecem vários eventos ao mesmo tempo, mas o percurso é tão longo que temos diversos momentos no Elevado, assim quando encontramos um evento, como uma feira gastronômica ou uma seção de fotos, seu asfalto que propicia corridas, a mureta central oferece o lugar de estar, conversar, deitar, sentar e observar, na rampa de acesso perto da Rua da Consolação é frequentada por skatistas para a prática do esporte, mesmo com essa diversidade de atividades, encontramos um espaço equilibrado diante desse encontro de identidades.

O Elevado durante a semana é um cenário do cotidiano com personagens de diversos perfis de acordo com seus horários, podemos encontrar uma maior ou menor quantidade desses personagens. São trabalhadores chegando, trabalhadores saindo, estudantes passando pelo metrô.

Se notarmos a movimentação dos moradores de rua passa a ser perceptível em fotos antigas e em visitas a presença deles e suas barracas na marquise do Elevado que permanecem no baixio próximo a saída do Elevado que encontra com a Avenida Francisco Matarazzo, pois essa foi à única parte que não foi implantada a ciclovia. A movimentação de quem não tem moradia depende da ação da cidade, se é expulsa ou como no caso do Elevado, se tem a implantação de uma ciclovia, impossibilita a permanência no local ao mesmo tempo em que nessa região já teria demanda de ciclistas que utilizam a calçada para circularem, já é evidente também a demanda do uso do skate. São dois tipos de usuários do Elevado que merecem preocupação, pois fazem parte do cotidiano do Elevado.

Ao longo do Elevado encontramos pessoas conversando, andando com seus cachorros, das mais diversas raças, pessoas que vieram para os eventos, crianças e suas bicicletas, avôs com seus netos e jovens também. Discutem sobre política, artes e o cotidiano, o encontro de pessoas conhecidas na sacada de seu apartamento. Os jovens músicos que usam canos de PVC, galões vazios e partes do corpo para produzir música, parando todos que passam uns com mais pressa outros com menos, nesse caso como Milton Santos diz, o Elevado é o fixo e esses elementos são os fluxos, ele é o palco desse movimento, mas será que todos os lugares são palcos ou apenas algumas partes. A escola de Kung Fu promoveu a aula no Elevado, mas não imaginaria que o bêbado tentaria imita-los, também foi criado o evento para que tirassem fotos no Minhocão, mas novamente, ninguém imaginaria que o mesmo bêbado estaria na frente das câmeras e no foco das lentes. No final do percurso, skatistas, próximos à saída da Rua Consolação aproveitando a inclinação da rampa para praticar suas manobras. A descrição do Elevado nesse capítulo foi feita através de um percurso, porém o Elevado tem uma variedade deles não sendo obrigatória a ordem do texto anterior.

## **5. Fragmentos do Minhocão: a experiência imagética através da colagem**

Inicialmente, nas imagens criadas para este trabalho, foram mantidos apenas objetos que estavam no Elevado para reorganizar seus elementos e descobrir novas qualidades. Esse direcionamento foi encontrado após a criação do mapa de potenciais do Elevado, sendo tratado como projeto urbano, porém a premissa desse trabalho sempre foi encontrar novas maneiras de enxergar o Elevado, então à colagem tornou-se uma experiência de proposta através da imagem.

No processo das colagens, para que tivessem “experiências projetuais” e evidenciássemos os potenciais do Elevado, era necessário que as colagens fugissem apenas de elementos encontrados unicamente no mesmo. Para o início dos testes, foram listadas imagens que representassem: Elevado + Elevado (Figura 4). Após uma reflexão de que apenas seus elementos não seriam suficientes, foram listadas imagens relacionadas ao Elevado + São Paulo e Elevado + Internacionais. Para a produção das imagens foi necessário um entendimento de fotomontagem, colagem, montagem e bricolagem, sendo a colagem a técnica que correspondeu com a proposta do trabalho.

Nos testes iniciais das fotomontagens foram inclusas pessoas registradas nas fotografias do Elevado registradas em visita. As bases das fotomontagens são de fotos tiradas durante a semana e final de semana. O critério foi: se fosse base do final de semana, seriam aplicadas pessoas que frequentassem durante a semana e em caso contrario para adquirimos novas combinações dos elementos do Elevado.

Esse método foi adotado para que os elementos existentes no Elevado fossem organizados de outra forma para que tivessem outras qualidades ou até mesmo para que fossem notados, assim como acontece com a área verde localizada na lateral do

Terminal Amaral Gurgel, que no primeiro teste, foi tão alterado que perdeu a sua identidade, revelando que há um limite para a manipulação do espaço.

Foi possível notarmos que seria insuficiente somente reorganizarmos elementos do próprio Elevado, a questão era a de que as pessoas que deveriam apropriar-se do espaço, pois foi comprovado que não era suficiente apenas incluir pessoas nas imagens. A arquitetura deveria ser alterada também e não apenas a via com seus edifícios.

**Figura 3: Fotomontagem Cobertura no Elevado + Elevado**



**Fonte: imagem da autora**

Então foram iniciados testes com as fotos do Elevado preto e branco com os seus elementos coloridos. Em seguida para repararmos mais a presença das pessoas, tanto as da colagem quanto as da própria foto destacam-se coloridas, os resultados são apresentados em alguns exemplos de colagens do trabalho (Figura 4).

**Figura 4: Colagem com padrão estabelecido**



**Fonte: imagem da autora**

Esse projeto visa construir um guia (Figura 5) com a visão da autora do presente trabalho e com a visão de quem o frequenta, assim o guia é criado a partir da percepção ambiental através de colagens.

**Figura 5: Guia "Habitacidade"**



**Fonte: imagem da autora**

**Figura 6: Capa guia "Habitacidae"**



Fonte: imagem da autora

## **6. Considerações finais**

Com o estudo do Elevado Costa e Silva é notória a quantidade de identidades que ele carrega, muitos tratam o Minhocão como um símbolo de São Paulo. Essas questões que cada olhar aborda sobre ele nos traz uma nova identidade. Notamos um não-lugar tão complexo que por causa de seu passado, encontra um meio de se organizar, pois devido a existência de edifícios e outros pontos de referência construídos anteriormente, nos localizamos no Elevado de 3.5 km de extensão. São tantas identidades encontradas que alguém sempre se identificará a esse espaço de forma positiva ou negativa, pois é difícil encontrarmos quem seja indiferente a ele, ou que não saiba de sua existência. O Elevado traz a relação do amor e ódio expressas em redes sociais, em reuniões públicas, em fotos e filmes.

O Minhocão veio como solução para o carro, mas agora é tratado como o símbolo do pedestre e do ciclista. São diversos eventos, diversas pessoas, diversas raças de cachorros que transitam, sendo um dos espaços públicos criado de forma espontânea de São Paulo. Quando observamos pela janela de um apartamento o Minhocão, nunca deixamos de enxergar algo, o movimento esta sempre presente. A complexidade está em entender como esse espaço traz uma ordem em nosso olhar, por essa possibilidade de encontrarmos em meio a tanto movimento a legibilidade.

Seu espaço é organizado porque cada lugar tem sua característica, seu baixo, assim como sua parte superior tem uma correspondência, desde acessos a térreos de importantes edifícios, temos também problemas relacionados ao baixo desconfortável, que ao mesmo tempo pode proporcionar uma sombra agradável em dias de calor, se for melhor projetado.

Ele é renegado por sua aparência grosseira, devido as exageradas vigas e pilares necessários para suportar o peso das quatro pistas destinadas aos carros, porém apresenta-se em excesso perante seu futuro escrito em lei, deverá tornar-se um espaço público ou ser desmontado. Esse impasse pode ser respondido com a seguinte questão será que a retirada total do Elevado deixará a Avenida São João como antes? Visto que temos uma Avenida São João sem Elevado e nem por isso a encontramos em melhor estado. O Minhocão tem um grande potencial para transformar-se em um espaço público, porém não podemos esquecer a sua origem, não podemos tender a artificialidade e criarmos outra solução estranha, como mencionada por Milton Santos.

Para uma tomada de decisão, parece ser mais sensata a discussão e a experimentação de projetos usando os elementos do Elevado e adicionando elementos que contribua para sua melhoria, ajuda a repensar nesse espaço, visto que temos



discussões referentes à apenas duas modalidades de projetos: desmonte e o parque, mostrados na mídia e muito discutidos atualmente.

Esse trabalho teve como premissa incluir a percepção e a criação da imagem, usando como meio de criação as imagens da memória. Em capítulos anteriores foi referenciada a fotografia e até mesmo usada como forma de estudo de caso, essa é uma importante forma de representação artística, visto que é um meio de registrar um momento, recobrar a memória e a percepção. A escolha da experimentação de projeto por meio da colagem tem relação com a situação atual do Elevado, a partir do momento que comparamos as ideias pré-concebidas de soluções projetuais e o conceito errado de que a colagem não é considerada parte do processo de um projeto de arquitetura.

Foi proposta uma diferente maneira de experimentar um projeto para o Elevado, sendo feito através de um guia com projetos em colagem. Durante a execução, percebeu-se o processo inverso de concepção de projeto, pois ao fazer o mapa de potenciais encontramos determinadas possibilidades, porém com o processo inverso o de ver a foto e propor possibilidades, muda-se a visão da proposta através da imagem e algumas vezes prevendo que a solução em planta não funciona quando implantada na imagem, um exemplo é a marcação no mapa de uma possível derrubada do Elevado e na imagem não funcionaria, pois se trata do trecho com a vista para a Pacaembu, um trecho com muitos atrativos e possibilidades de projeto.

A participação popular é um dos maiores ganhos da questão do Elevado, pois esse é um espaço em que encontramos muitas pessoas envolvidas na discussão de seu futuro. Sua importância vai além da imagem físico-visível que se trata do que enxergamos, passa pela imagem-linguagem, com os artistas e chega à imagem-conceito, onde apesar de todos os problemas encontrados no Elevado e em sua estrutura, as pessoas querem o seu dia de lazer nele.

Devido a essa participação popular, o objeto final desse trabalho tornou-se um guia. Não é quem o produz que induzirá o seu caminho, é o próprio usuário do Elevado que estabelecerá a ordem de sua visita a novas possibilidades do Minhocão. Também têm a liberdade de pensar em novas propostas ao ver as fotos originais preto-e-branco com frases que tragam a reflexão. O Elevado deve ser transformado, mas quem deve decidir essa mudança são os maiores interessados, as pessoas que utilizam o Elevado, tanto durante a semana quanto aos finais de semana.

## Referências

ARTIGAS, Rosa; MELLO, Joana, CASTRO; Ana Claudia. **Caminhos do Elevado: Memória e projetos**. São Paulo:Imprensa oficial sp, 2008.

BALDISSERA, Rudimar. **Significação e comunicação na construção da imagem-conceito**. Rio Grande do Sul: Revista Fronteiras-estudo midiáticos, 2008. Artigo 10.4013/fem.2008.06.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986

CERTEAU, Michel de (Autor); ALVES, Ephraim Ferreira (Tradutor). **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 18. ed. Petrópolis- RJ: Vozes, 2012. 315 p. Nova edição estabelecida e apresentada por Luce Giard.

**Cristiano Mascaro**. Disponível em: <<http://www.cristianomascaro.com.br/>>. Acesso em 15 de Abril de 2015.

**Elevado 3.5**. Disponível em: <<http://www.elevadotrespontocinco.com.br/elevado35/>>. Acesso em 13 de Abril de 2015.

Iniciação - Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística - Vol. 6 nº 2 - novembro de 2016  
**Edição Temática em Comunicação, Arquitetura e Design**

**Ensaio sobre a cegueira.** Direção: Fernando Meirelles. Produção: Niv Fichman, Andrea Barata Ribeiro, Sonoko Sakai. 2008. 121 min. Color. 1 DVD.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **Comunicação espaço cultura.** São Paulo: Annablume, 2008. 214 p.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental.** 2.ed. São Paulo: EDUSP, 1999. 277 p. Fotos.

LIMA, Solange de Ferreira; CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Fotografia e cidade: da razão urbana à lógica de consumo: Álbuns de São Paulo 1887/1954.** São Paulo: FAPESP, 1997.

LYNCH, Kevin (Autor); AFONSO, Maria Cristina Tavares (Tradutor). **A imagem da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1980. 207 p.

MENDES, Ana Carolina. **Transdisciplinaridade na construção dos territórios públicos urbanos: conversões.** Disponível em:

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/14.160/4945>> Acesso em 29 mar 2015

**Não por acaso.** Direção: Philippe Barcinski. Produção: Andrea Barata Ribeiro, Bel Berlinck, Claudia Büschel e Fernando Meirelles, 2007. 94 min. 1 DVD.

RUBINO, Silvana; GRINOVER, Mariana (Org.). **Lina por escrito.** 1. Ed. São Paulo: Cosac Naify, 2009. 208 pp.

SANTOS, Milton (Autor). **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2002. 384 p.

Silva, Gladys Neves da. **Collagens arquitetônicas.** Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.102/98/>>. Acesso em 18 de Setembro.

**Signo da cidade,** O. Direção: Carlos Alberto Riccelli. Produção: Pulsar Filmes, 2007. 95 min.1 DVD.

SILVA, Márcio Seligmann. **Palavra e imagem, memória e escritura.** Chapecó Argos, 2006.

SIMMEL, Georg. **As grandes cidades e a vida do espírito (1903).** Mana vol.11 no.2 Rio de Janeiro Oct. 2005. Arquivo PDF disponível em:[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132005000200010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132005000200010&script=sci_arttext) > Acesso em: 14/04/2015

SOUZA, Lillian A. dos Santos; ANGELO, Roberto Berton. **Cidades (in)visíveis: imagens, caminhos, fotografias e representações.** Paraná(Londrina): artigo da revista discursos fotográficos, 2008. 20 p.

**Terra estrangeira.** Direção: Walter Salles e Daniela Thomas. Produção: Flávio R. Tambellini e Antônio da Cunha Telles, 1995. 100 min. Preto e branco. 1 DVD.

**Tuca Vieira.** Disponível em: <<http://www.tucavieira.com.br/>

>. Acesso em 20 de Abril de 2015.

YÁZIG, Eduardo. **Esse estranho amor dos Paulistanos: requalificação urbana, cultura e turismo.** São Paulo: Editora Global , DF: CNPq, 2006.